

[Texto para o *Bloco de guaches* de Armanda Passos, 2016]

Seja-me permitido começar por umas vulgaridades que são um pouco pessoais. Tive a sorte de me encantar e apreciar a pintura antes de conhecer a pessoa, depois aconteceu um encontro casual “olá, como está, não nos conhecemos, tenho um óleo seu...”, depois passou tempo e o tempo fez-nos amigos, querendo com isto dizer que a amizade não determinou nem toldou o despertar do meu apreço e meu encantamento pela pintora, a amizade sucedeu-lhes. Naturalmente, descobrimos que temos algumas coincidências que a vida nos concedeu, coisas que nos aproximam. Nascermos no mesmo ano, em pequenas cidades do Norte banhadas por rios, distanciadas de uns oitenta quilómetros em linha recta. O seu rio é o magnífico Douro. A sua terra está em pleno Património da Humanidade, faz agora uns quinze anos que a Unesco assim classificou e declarou os socalcos vinhateiros que homens e mulheres ergueram há séculos, e nisto nos revemos em ideias, sentimentos e iniciativas. Vivemos na nossa querida cidade do Porto, terra adoptiva, aqui cursámos a mesma Universidade. Ambos gostamos de cores e, suponho, como ambos parcos em formas angulosas.

Admiro a obra e gosto muito da pessoa. Ora, a Pintora, que há muito me cativa, mais me cativou, se isso era possível, com este amabilíssimo *bloco de guaches*. Não sou perito ou crítico de pintura, nem algo que se pareça, muito menos sou entendido em teoria ou história da arte, procuro apenas ser um observador atento e isso, perdoo-me quem me convida, é pouco para me habilitar a escrever, de novo, umas linhas sobre Armanda Passos. Julgo entretanto saber, por aquilo que observo, vejo, leio e ouço, que a obra de Armanda Passos faz parte da melhor pintura portuguesa do último quartel do século XX e do primeiro quartel do século XXI. A sua pintura tem o poder que vem do dom, do estudo, da intensa originalidade; vem da diferença que verdadeiramente distingue; vem da sensibilidade, da multiplicidade de sentidos e interpretações; vem da qualidade. Qualidade colocada em tudo. E vem da interpelação, indeclinável, que traz mistério e toca em todos nós.

Percurso os guaches do presente livro. Depara-se-me a mesma sensação do diverso e do enigmático, que tantos outros, mais conhecedores do que eu, também assinalam, em geral, nos trabalhos de Armanda Passos. Deparam-se-me as cores e os contrastes dos guaches que me impressionam avassaladoramente, todavia, ao mesmo tempo, depara-se-me a harmonia que é sinal da paz interior que se busca sem se achar, incessantemente. Deparam-se-me as mulheres, sempre, ou quase sempre, sem subterfúgios ou evasivas, mas envoltas em fantásticos imaginários. Muitas vezes sozinhas, outras vezes acompanhadas por pássaros bons mensageiros, ou seguidas ou perseguidas por bichos que os biólogos ainda não descobriram nem identificaram. Homens, nunca, ou quase nunca, se me deparam, salvo se os perscrutar debaixo de uma ou outra indumentária, ou os adivinhar entranhados em alguns dos tais bichos, porventura os horrendos, os mais cícosos, que por lá rondam mulheres imponentes, mulheres viçosas, mulheres de vestes e gestos graciosos, que avivam memórias de virtudes e pecados. Homens, por assim dizer, submetidos a uma espécie de reencarnação – *o mistério da encarnação*, acto em que Deus se fez homem, reconfigurado no acto em que o homem se fez bicho, ou foi feito bicho; ou, recuando a Platão, aparentando almas injustas que se transmudaram em *criaturas*

imundas e *animalescas*. Enigma indecifrável, ou antes, com várias decifrações, o que é uma superior maneira, artística ou poética, de não dilucidar o enigma e de o deixar a pairar, interessante e provocador. Ocorre-me retomar as palavras que usei no livro *Armanda Passos*, 2002, p 91, livro que inclui alguns dos seus excelentes óleos: *aquele aparente, perseverante e irresolúvel enigma que é um estádio a que só um grande artista chega*.

Belíssimos trajés, dos pés à cabeça, vestem as mulheres dos *guaches*. São padrões e disposições de tecidos que juntam vivacidade e elegância, geografias e culturas, tradição e modernidade, recato e sedução, tudo em cores raras que só a natureza nos dá e só um pintor de eleição é capaz de captar. Que fonte de inspiração esta, a de Armanda Passos, que não foi ainda avistada, que eu saiba, por estilistas, designers, desenhadores de moda, escolas de design, empresários! Dirigisse eu um museu de Barcelona, ou um desses encontros anuais de moda de Paris, ou um gabinete de criação de Issey Miyake, ou um Fashion Institut of Tecnology, e nomearia os *guaches* de Armanda Passos como fonte, por excelência, de inovação têxtil dedicada a vestidos, sejam nobres ou populares, sejam para climas temperados ou tropicais, sejam para momentos festivos mais solenes ou mais quotidianos, bodas na Igreja da Lapa, ou devaneios no Passeio Alegre, ou diálogos à mesa do café Majestic. Estou a ver os *guaches* vestindo mulheres simples ou deslumbrantes, divagando na festa das Cruzes em Barcelos ou no Santo António de Lisboa, no Grande Bazar de Istambul ou na Praça Vermelha de Moscovo, nas ruas de Goa ou na baía de Luanda, nos hotéis de Vidago ou de Casablanca e Marraquexe, na ópera de Viena ou no teatro Rivoli, nos salões do Palácio de Buckingham ou na Catedral de São Pedro, na praia de Copacabana ou no Lago de Como, num cruzeiro no Mediterrâneo, nas visitas às pirâmides do Egipto ou do México, em insólitos ou frequentadíssimos lugares... Por certo, todos nos aperceberemos disto se folhearmos como folheei paulatinamente o *bloco de guaches* e se, página a página, dermos como dei asas à imaginação, pegando nas cores e nos formidáveis desenhos que Armanda Passos, sabiamente, magistralmente, pintou e pôs nas vestimentas das mulheres. Não vislumbro o que a Pintora pensa disto, mas na visão do economista veria bem se este *bloco de guaches* pudesse abrir uma senda de ideias na nossa classe de criadores da moda, de empresários também, senda tivesse justamente o nome de Armanda Passos. Não seria inédito, pois claro que não. Todos conhecemos como Dali, Degas, Matisse, Mondrian, Monet, Picasso, Van Gogh, Warhol, e vários outros, e talvez por outros caminhos Frida também, inspiraram estilistas de renome internacional. E se porventura alguém precisar de lembranças, o livro de Charlotte Seeling, *Moda o Século dos Estilistas 1900-1999*, por exemplo, dá disso expressivos testemunhos.

É tudo. E, bem sei, sendo pouco o tudo que aqui digo, comparado com o que Armanda vale e merece, é de muito bom grado que deixo este meu modo de ver o distinto e vigoroso *Bloco de guaches*, outros apreciadores o verão de outros e melhores modos.

Miguel Cadilhe, Outubro 2016